

1

Aos quinze anos, ele muda-se com a mãe para outra cidade e começa a frequentar uma escola diferente. Não é uma idade fácil para fazer isso: a ordem social da escola já está bem estabelecida e ele tem alguma dificuldade em fazer amigos. Passado algum tempo, faz um amigo, outro indivíduo solitário. Por vezes, depois das aulas, vão juntos até ao centro comercial de estilo ocidental que acabou de abrir na cidade.

— Já o fizeste? — pergunta-lhe o amigo.

— Não — responde István.

— Eu também não — diz o amigo, tornando assim, de certo modo, a confissão mais fácil. Ele tem uma maneira simples e natural de falar de sexo. Diz a István com que raparigas da escola fantasia, e o que fantasia fazer-lhes. Diz que é frequente masturbar-se quatro ou cinco vezes por dia, e István sente-se diminuído, pois só o faz uma ou duas vezes. Quando o admite, o amigo diz:

— Deves ter um instinto sexual fraco.

Pode ser verdade, tanto quanto ele sabe.

Não sabe como é com as outras pessoas.

Tem apenas a sua experiência.

Um dia, o amigo diz-lhe que o fez com uma rapariga que vive do outro lado da linha de comboio.

A novidade deixa-o desnorteado.

István escuta enquanto o amigo descreve, com algum pormenor, o que aconteceu. Tenta perceber se o amigo diz a verdade ou mente. Embora preferisse que ele estivesse a mentir, pensa que é provável

que diga a verdade. Há partes do que diz que parecem demasiado específicas, demasiado surpreendentes, para que esteja a inventá-las.

Depois, passados uns dias, o amigo diz que falou com a rapariga e ela disse que o faria também com István.

— A sério? — pergunta István.

— Iá — responde o amigo.

István não sabe se isto quer dizer que os três o farão juntos ou apenas que ele vai fazê-lo sozinho com a rapariga.

Sente-se demasiado inseguro para perguntar.

Depois das aulas, nesse mesmo dia, atravessam a ponte pedonal sobre a linha do comboio.

Já está a escurecer.

Descem os degraus metálicos do outro lado da ponte pedonal e caminham durante algum tempo até chegar a um bairro social. Não é muito diferente daquele onde István e a mãe vivem, só que aqui os prédios, embora também feitos com painéis de betão pré-fabricados, são mais altos. À entrada de um deles, o amigo marca o número da campainha de um dos apartamentos.

Poucos momentos depois, sem nada ser dito, a porta abre-se e ele empurra-a com o ombro.

O elevador cheira a fumo de cigarro.

István fixa a fórmica a imitar madeira do interior, enquanto o elevador vai subindo.

O elevador sobe muito devagar, com um rangido contínuo e um estalido sonoro e distinto à passagem de cada piso.

— Estás bem? — pergunta-lhe o amigo.

— Iá — responde István.

— Pareces apavorado — observa o amigo.

— Não — diz István.

Saem do elevador num dos últimos andares e o amigo bate à porta de um apartamento. Esta é aberta por uma rapariga que tem mais ou menos a idade deles.

— Olá — saúda ela.

— Olá — responde o amigo de István.

Ela afasta-se para eles entrarem para o *hall*.

— Este é o meu amigo — apresenta-o o amigo de István. — Sabes, aquele de que te falei.

— *Okay* — diz a rapariga.

Ela e István olham-se durante um momento.

— *Okay?* — pergunta o amigo de István.

— Já — responde a rapariga.

Ficam ali os três especados.

A rapariga olha outra vez para István.

Ele não olha para ela.

— *Okay* — diz o amigo de István.

— Queres esperar ali dentro? — pergunta-lhe a rapariga, indicando uma porta.

— Já, *okay* — aceita o amigo de István. É possível que pareça dececionado, como se talvez ele próprio não soubesse ao certo se iam ou não fazê-lo todos juntos e tivesse tido esperança de que o fizessem.

István está a acender um cigarro, e tem de acionar várias vezes o isqueiro até obter chama.

O amigo capta-lhe o olhar durante um segundo e sorri.

István nem sequer tenta retribuir o sorriso. Sente uma coisa quase parecida com pânico.

Segue a rapariga ao longo de um corredor curto e escuro e entra atrás dela numa divisão ao fundo.

Ele não se apercebe com grande nitidez dos pormenores desta divisão, a não ser que está apinhada de tralha, incluindo o que parece ser um animalzinho numa jaula.

A rapariga senta-se numa cama que há ali.

István senta-se numa cadeira.

— Diz lá outra vez como te chamas — pede-lhe a rapariga.

Ele diz-lhe.

Ela diz-lhe o seu nome.

— Estás bem? — pergunta-lhe ela.

— Sim — responde ele.

Falam durante uns minutos. Ou pelo menos ela fala. Também há silêncios longos, durante os quais o som do animalzinho a mover-se na jaula é por vezes audível. Ela pergunta-lhe de onde é.

— Como são as coisas por lá? — pergunta-lhe, quando ele lhe diz.

— São fixes — responde ele.

Ficam sentados em silêncio.

Ela acende um cigarro, talvez só para fazer alguma coisa.

Passado um bocado, sem dizer nada, ela levanta-se e sai.

Minutos depois a porta abre-se de novo.

István ergue o olhar e vê o amigo.

Tinha pensado que seria a rapariga.

— O que é que aconteceu? — pergunta-lhe o amigo.

— O que é que queres dizer?

— O que é que aconteceu? — repete o amigo.

— Nada.

— Ela quer que te vás embora — diz o amigo. — O que é que fizeste?

— Nada.

— Nada?

— Já.

Saem do apartamento e no patamar lá fora o amigo diz:

— Pronto, então até logo.

— Não vens? — pergunta-lhe István.

— Não. Ela quer que eu volte — responde o amigo.

— Ai sim?

O amigo acena afirmativamente.

— Vemo-nos depois.

— *Okay*.

Ainda sem perceber o que aconteceu, István desce sozinho no elevador.

— Ela disse que tu não eras *sexy*. Foi o que ela disse.

Passaram-se alguns dias e o amigo está a explicar-lhe aquilo, o que aconteceu.

István fuma.

É horrível, dizerem-lhe aquilo, e sobre ele, e contudo ele não sabe o que dizer em resposta. Parece irrespondível.

— Ela disse que parecia que não estavas com vontade — diz o amigo.

— Eu estava com vontade — replica István.

— Ela disse que não parecia.

— Mas estava.

Depois daquilo as coisas com o amigo não são as mesmas.
Passam menos tempo juntos.
O amigo começa a andar com outras pessoas.
István passa mais tempo sozinho.

*

No domingo, ele e a mãe vão visitar a avó. É o aniversário dela. Ele fica sentado, aborrecido, na sala de estar enquanto ela e a mãe conversam.

A mãe pede-lhe que encha uma jarra com água para as flores que eles trouxeram.

Ele vai à cozinha e faz isso.

As janelas estão abertas. Está um dia quente, para a época do ano.

— Como estás tu? — pergunta-lhe a avó.

— Estou bem — responde ele.

Sai para a pequena varanda, desejando poder fumar.

Ao longe, mais abaixo na encosta, consegue ver a parte da cidade onde ele e a mãe vivem.

A mãe está a contar à avó como ele vai bem na escola.

A avó tira algum dinheiro da carteira e dá-o a István, aparentemente como uma espécie de recompensa.

A mãe manda-o dizer obrigado.

— Obrigado — diz ele.

A avó sorri.

Ela tem daqueles guias de viagem. Estão alinhados, postos uns ao lado dos outros numa prateleira ao pé do televisor. Itália, França, Checoslováquia, URSS, Alemanha Ocidental, Grã-Bretanha. Para aliviar o tédio, ele folheia-os enquanto a mãe e a avó conversam. Os livros têm fotografias, a maioria a preto-e-branco, mas também algumas coloridas. As cores destas parecem de certo modo artificiais, não se parecem com as cores das coisas na realidade.

Há uma senhora que vive no apartamento à frente do deles. Pouco tempo depois de István e a mãe se terem mudado para o prédio, a senhora perguntou à mãe se István estaria disposto a ajudá-la às vezes com as compras.